

Emília Santos Silva Verdial: Republicana, educadora e feminista

Suzana Maria Saboya Torres Cavalcanti

suzanasaboya@yahoo.com.br

Resumo

Emília Santos Silva Verdial foi uma portuense de valores absorvidos no seio de uma família tradicionalmente republicana, que se posicionou sobre questões políticas no conturbado Portugal do início do século XX. Ao longo de sua trajetória, Emília teve especial preocupação com a instrução popular, causa que foi defendida e conhecida por ela em profundidade. Emília ainda se afirmou como feminista e afrontou a resistência no reconhecimento de direitos iguais para homens e mulheres. Porém, como se verá adiante, a sua vida foi drasticamente afetada pela ascensão do Estado Novo. Até mesmo a sua morte esteve ligada ao regime político de Salazar.

Palavras-chave: Emília Santos Silva Verdial, I República, educação, instrução pública, feminismo, Estado Novo.

Abstract

Emília Santos Silva Verdial was a woman from Oporto with values absorbed in a traditionally republican family. She dared to have an opinion about political issues in the troubled Portugal of the early twentieth century. Throughout her path, Emília was especially concerned with popular instruction, a cause that she defended and knew very well. Emília still affirmed herself as a feminist and faced the resistance in the recognition of equal rights for men and women. However, as it will be seen below, the rise of the Estado Novo drastically affected her life. Even her death was linked to Salazar's political regime.

Keywords: Emília Santos Silva Verdial, I Republic, education, popular instruction, feminism, Estado Novo.

Abreviaturas

AENP – Arquivo da Escola Normal do Porto

AFPP – Associação Feminina Portuguesa para a Paz

PIDE – Polícia Internacional e de Defesa do Estado

Introdução

O presente trabalho é uma breve biografia de uma cidadã portuense, Emília Dionísia dos Santos Silva Verdial, nascida em 1884¹ e falecida em 1960. A biografada foi uma educadora primária republicana, democrata e feminista², que viveu numa atmosfera política densa, marcada por intensas transformações e momentos de repressão e autoritarismo.

Como se constatará adiante, Emília Santos Silva Verdial conviveu de perto, desde o início da sua vida, com questões políticas e sociais de relevo. Do seu ambiente familiar saíram personagens cujos nomes entraram para a história da política local, e até mesmo da nacional, sobretudo a partir do final do século XIX. Da luta pela implantação da I República em Portugal à oposição ao Estado Novo, foram vários os momentos nos quais, de diferentes formas, pessoas ligadas à biografada tomaram parte. O destaque vai para os homens da sua família, como o seu pai, Dionísio Ferreira dos Santos Silva, e o seu irmão, o médico e político portuense Eduardo Santos Silva. Também é o caso do seu marido, o engenheiro industrial Mem Verdial, e de um dos seus seis filhos, Rolando Verdial, que foi membro do Comité Central do Partido Comunista Português.

No entanto, por maior proeminência que quaisquer das figuras masculinas ligadas a Emília possam ter tido, a investigação acerca da vida dela não foi feita em função da sua relação com nenhuma dessas pessoas. Tal facto deve ser destacado, porque a história de grandes mulheres foi e ainda é contada a partir da vida de homens aos quais, de algum modo, elas aparecem ligadas. O próprio papel das mulheres na sociedade ao longo da maior parte da história da humanidade, relegado à esfera privada e doméstica em detrimento da vida pública, dificulta que ela seja vista como ser autónomo e independente de um homem.

O século XX trouxe enormes mudanças nessa questão para inúmeras sociedades. Porém, este processo de correção das assimetrias de género não é instantâneo. É esta, inclusive, a razão pela qual a representação do feminino permanece ainda num nível de dependência em relação à representação do masculino. Todavia, na

¹ "Mappa das Concorrentes ao Exame d'Admissão para a Escola Normal do Porto". Arquivo da Escola Normal do Porto, 1897–1902.

² João Esteves e Natividade Monteiro, "Emília Dionísia Ferreira dos Santos Silva Verdial", Zília Osório de Castro e João Esteves (dir.), *Feminae. Dicionário Contemporâneo* (Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2013), 268.

presente investigação, procurou-se romper com essa sujeição e entregar o protagonismo dessa história, de facto, à biografada.

É verdade que certos aspetos relevantes nas trajetórias desses homens não devem ser omitidos da biografia de Emília, uma vez que a marcaram indelevelmente. Contudo, não é o papel que ela desempenhou relativamente a eles, isto é, a sua ligação a esses homens que deve estar em primeiro plano. Assim sendo, é possível afirmar que a investigação não recai sobre a análise de Emília como filha, como irmã, como esposa ou como mãe de alguém, mas sim sobre a própria pessoa dela, como um indivíduo autónomo, com uma existência independente da sua parentela, apesar de não ser possível ocultar a influência e até mesmo o condicionamento que esses laços familiares foram capazes de provocar.

O facto de Emília ter tido uma vida pública, ainda que esta, por diversos fatores a serem oportunamente explorados, tenha se apequenado com o passar dos anos, fez com que fosse mais fácil enxergá-la para além dos homens notáveis ao seu redor. A veia republicana e democrata, a vida profissional devotada à educação, a paixão pela libertação da mulher do jugo masculino são alguns dos pontos fortes da sua biografia. A própria Emília não escondia a importância dessas questões para a sua vida. Foram esses, inclusive os assuntos que pareceram mais marcantes para Emília no que tange às convicções políticas e sociais: o republicanismo e a importância da educação e do feminismo para a construção de uma sociedade mais justa e melhor. É por isso que esta investigação recai sobre o estudo de Emília Santos Silva Verdial como republicana, como educadora e como feminista.

Para cobrir as problemáticas apontadas, as fontes empregadas foram bastante diversificadas. Foram fontes hemerográficas, como o *Avante!*, *A Voz Publica* e o *ABC - Diário de Angola*, assim como fontes arquivísticas, como cartas do acervo particular pertencente à família de Eduardo Santos Silva, irmão de Emília, e documentos do Arquivo da Escola Normal do Porto, este ainda em fase de organização. Foram também utilizadas fontes iconográficas, isto é, fotografias cedidas pela família, bem como fontes orais, com depoimentos de pessoas relacionadas à biografada. Estas fontes evidenciaram mais do que dados objetivos para a biografia de Emília. Aos poucos, revelou-se também a própria personalidade de uma mulher que adotou posicionamentos muito à frente do seu tempo, sobretudo para o local onde viveu. Adiante, será possível compreender um pouco da sua história, desde o início, com uma ênfase nas questões supramencionadas que nortearam esta investigação.

1. Primeiras notas biográficas

Emília nasceu no Porto, em 18 de novembro de 1884.³ É filha de Ana Teixeira, de quem pouco se sabe, e de Dionísio Ferreira dos Santos Silva, sendo este uma figura conhecida na cena política portuense⁴, mormente a partir do último quartel do século XIX. Dionísio era dono de uma chapelaria na antiga Rua de Santo António, atual 31 de janeiro, onde se concentravam vários estabelecimentos em voga na altura. Ele gozava de popularidade localmente, chegando, inclusive, à presidência da Junta de Paróquia de Santo Idelfonso. Nesta função, teve especial preocupação com os menos favorecidos, principalmente no que diz respeito à instrução popular, o que, aliás, foi um valor que acabou por transmitir aos seus filhos.⁵

Dionísio também ficou conhecido pelo seu ímpeto revolucionário. Em 1877, participou do movimento grevista dos chapeleiros portuenses. Anos depois, envolveu-se nas manifestações ocorridas após o *Ultimatum* e as consequentes abdições da monarquia portuguesa às suas pretensões coloniais em razão das pressões britânicas. Em seguida, tomou parte na insurreição republicana havida no Porto em 31 de janeiro de 1891. Foi apontado como um dos envolvidos na preparação da revolta, pelo que foi preso e conduzido à embarcação *Moçambique*, onde os detidos ligados ao evento aguardaram julgamento. Após a sua absolvição, que ocorreu em 23 de fevereiro, Dionísio enfrentou a derrota política e a falência de seus negócios.⁶

É possível, então, perceber que Emília cresceu em um meio onde as questões políticas e os valores republicanos eram temas corriqueiros. Ainda nesse sentido, vale mencionar que Dionísio Santos Silva esteve profundamente envolvido também com a propaganda republicana, chegando a fundar periódicos deste cariz. Além de seu pai, Emília também viu o irmão Eduardo lidar, desde muito novo, com grandes nomes do republicanismo português. Próximos da família estiveram personagens como João Chagas, Guerra Junqueiro e os três "deputados da peste": Xavier Esteves, Paulo Falcão e Afonso Costa. Este último acabou por se tornar uma das figuras mais influentes do regime republicano que se instalaria dentro de alguns anos. É possível, diante do exposto, ter uma noção do tipo de ambiente que exerceu influência sobre a biografada.⁷

³ "Mappa das Concorrentes ao Exame d'Admissão". AENP, 1901–1902.

⁴ Esteves e Monteiro, "Emília Dionísia Ferreira dos Santos Silva Verdial", 268.

⁵ Gaspar Martins Pereira, *Eduardo Santos Silva: Cidadão do Porto* (Porto: Campo das Letras, 2002), 29.

⁶ Pereira, *Eduardo Santos Silva*, 29-30.

⁷ Pereira, *Eduardo Santos Silva*, 30.

Ela era a quarta filha do casal Santos Silva. Etelvina era a mais velha, nascida em 1877.⁸ Eduardo, que nasceu em 1879, era o segundo filho e o único varão.⁹ Em seguida, vinha Elvira, de 1880, e Emília, de 1884.¹⁰ Apenas a data de nascimento de Evangelina, a mais nova dos cinco filhos de Ana Teixeira e Dionísio, não foi identificada.

Imagem 1. Emília sentada no chão, ao centro, com os pais e os irmãos



Fonte: Gaspar Martins Pereira, *Eduardo Santos Silva: Cidadão do Porto*, encarte com fotos.

A família Santos Silva vivia no Porto. Como já foi mencionado anteriormente, Dionísio aparece várias vezes ligado à área de Santo Idelfonso.¹¹ Anos mais tarde, com os filhos já adultos, surge também vinculado a Vila Nova de Gaia, onde foi Administrador de Conselho.¹² Porém, quando ainda viviam todos juntos no Porto, mudaram de endereço algumas vezes. Segundo consta em um cadastro da Escola Normal do Porto, no qual as irmãs Etelvina, Elvira e Emília aparecem como candidatas à admissão naquela instituição, entre 1897 e 1902, constam duas moradas diferentes: Travessa da Lapa, nº 46, e Praça da Batalha, nº 135.¹³

Os Santos Silva sempre foram muito unidos. Não só os testemunhos colhidos nas entrevistas acusam isto, mas as próprias correspondências que chegaram até os dias de hoje também refletem uma relação muito próxima entre eles. A biografia de

⁸ "Mappa das Concorrentes ao Exame d'Admissão". AENP, 1897-1898.

⁹ Pereira, *Eduardo Santos Silva*, 29.

¹⁰ "Mappa das Concorrentes ao Exame d'Admissão". AENP, 1897-1902.

¹¹ Pereira, *Eduardo Santos Silva*, 29.

¹² Pereira, *Eduardo Santos Silva*, 42.

¹³ "Mappa das Concorrentes ao Exame d'Admissão". AENP, 1897-1902.

Eduardo Santos Silva, escrita por Gaspar Martins Pereira, contém inúmeras cartas trocadas entre a família e o biografado, nas quais, além do carinho e da cumplicidade, também transparece um convívio bastante próximo entre todos no dia-a-dia.¹⁴ Mesmo depois de casados, os irmãos moraram próximos uns dos outros, visitando-se com regularidade. Os arredores da Rua da Alegria foram apontados como uma das zonas onde acabaram por viver.¹⁵

Os irmãos Santos Silva também foram muito ligados à figura do pai, que os criou sozinho, já que a mãe, Ana Teixeira, faleceu cedo, em 1894, quando Emília tinha quase dez anos de idade.¹⁶ A educação dos filhos foi uma prioridade para Dionísio, o que condizia com os seus ideais republicanos, segundo os quais a instrução seria a chave para a transformação política e social. Eduardo, inclusive, trabalhou desde cedo para ajudar o pai no sustento da família e possibilitar que as irmãs estudassem. Mais tarde, antes de vir a ser Presidente da Comissão Executiva da Câmara do Porto e um dos derradeiros ministros da I República¹⁷, ele se tornaria médico e elas todas estariam formadas no magistério primário.¹⁸

Quando estava prestes a completar dezassete anos, Emília candidatou-se à admissão na Escola Normal do Porto, conforme consta num registo datado de 12 de novembro de 1901.¹⁹ Foi lá onde ela e as irmãs se formaram no professorado primário, assim como foi também na Escola Normal do Porto que Emília deu mais um passo importante na sua carreira como docente, desta vez já como professora da instituição, e não mais como aluna.²⁰

Tal vocação para a educação primária, aparentemente, era compatível com a sua personalidade, descrita por alguns que com ela conviveram como doce, meiga, mas também firme e determinada.²¹ No entanto, a escolha pela docência talvez tenha sido motivada por mais do que uma mera questão de vocação natural. É possível que a sua inclinação para a educação, desde tão nova, tenha sido um reflexo da formação republicana que vinha de família.

¹⁴ Pereira, *Eduardo Santos Silva*, 141-165 e 217-229.

¹⁵ Maria Luísa Lemos, entrevistada por Suzana Saboya. 23/05/2016.

¹⁶ Esteves e Monteiro, "Emília Dionísia Ferreira dos Santos Silva Verdial", 268.

¹⁷ Pereira, *Eduardo Santos Silva*, 19.

¹⁸ Pereira, *Eduardo Santos Silva*, 30.

¹⁹ "Mappa das Concorrentes ao Exame d'Admissão". AENP, 1901-1902.

²⁰ "Termos de Posse Conferida aos Funcionários da Escola Normal do Porto". Arquivo da Escola Normal do Porto, fevereiro 1911, 9.

²¹ Isabel Teles de Abreu, entrevistada por Suzana Saboya. 14/10/2015. Francisco Martins Correia e Manuela Santos Silva, entrevistados por Suzana Saboya. 22/05/2016.

Além de influenciar as escolhas profissionais de Emília, o republicanismo parece ter moldado também o seu caráter, o que repercutiu em esferas mais privadas da sua vida. É provável que ideias e pontos de vista oriundos de uma formação republicana tenham-na aproximado de Mem Verdial, um republicano de berço assim como ela.²² Mem, que acabou por ser marido de Emília, nasceu em 3 de dezembro de 1887 e faleceu em 6 de abril de 1974. Era filho do ator e político Miguel Henriques Verdial, o qual, assim como Dionísio Santos Silva, também participou da revolta de 31 de janeiro. Foi o sogro de Emília, inclusive, quem leu da sacada da Câmara Municipal do Porto a proclamação da República e a lista do governo provisório que trazia o nome Rodrigues de Freitas como presidente.²³ Acabou, também, por ser preso e conduzido a uma embarcação no Porto de Leixões, a fim de aguardar julgamento. Porém, ao contrário do que aconteceu com Dionísio, Verdial foi condenado e degredado para Angola, de onde empreendeu uma fuga curiosa e audaz. Conta-se que ele e um amigo viajaram a bordo de um navio, escondidos dentro de caixotes que indicavam transportar "espécies zoológicas para embalsamento".²⁴

Emília e Mem tiveram, portanto, influências parecidas nos seus respectivos ambientes familiares, o que é capaz de explicar os valores semelhantes, o gosto pelo ensino, entre vários outros aspetos que ambos possam ter tido em comum. De acordo com os depoimentos de praticamente todos os entrevistados, a relação dos dois era marcada por muito afeto e cumplicidade. Houve mesmo quem os descrevesse como "um casal encantador".²⁵ Uma demonstração desse carinho está em uma fotografia de Emília que foi dada por ela a Mem como prenda de aniversário, em 1911, quando os dois ainda eram noivos. Consta no verso de tal retrato a seguinte mensagem: "No dia do teu aniversário, meu querido Mem, ofereço-te a minha fotografia, fazendo votos ardentes pela breve realização das nossas esperanças. Tua noivinha, Emília dos Santos Silva".²⁶

²² Esteves e Monteiro, "Emília Dionísia Ferreira dos Santos Silva Verdial", 268.

²³ Vitor Correia Santos, *ISEP 150 anos: memória e identidade* (Porto: Edições Gémeo – Instituto Superior de Engenharia do Porto, 2005), 105.

²⁴ *ABC – Diário de Angola*. Luanda, 01/05/1964.

²⁵ Manuela Santos Silva. 22/05/2016.

²⁶ "Coleção de fotografias de Emília Santos Silva Verdial e família". Acervo particular.

Imagem 2. Emília e Mem



Fonte: Coleção de fotografias do acervo particular da família.

As informações a respeito da fase inicial da vida conjugal de Emília e Mem, bem como acerca do nascimento dos seus filhos são escassas, e há duas razões principais para isso. Primeiramente, é preciso destacar a impossibilidade de se entrevistar pessoas que tenham sido próximas do casal naquela altura, pois se está a falar de pelo menos cem anos atrás. E, em segundo lugar, é necessário esclarecer que as gerações atuais da família têm pouco ou nenhum conhecimento relativamente àquela época da vida dos Santos Silva Verdial, dispondo apenas de algumas fotografias e relatos tão curtos quanto inconsistentes.

Na raiz dessa carência de fontes orais e documentais está a desagregação que a família Verdial sofreu com o passar do tempo, principalmente em função das perseguições políticas que enfrentou. O contato entre os irmãos, e mesmo entre os pais e alguns dos filhos, passou a ser mínimo devido a razões que serão exploradas mais adiante. Por esse motivo, as gerações da família com as quais é possível entrar em contato nos dias de hoje cresceram em núcleos pequenos e isolados dos demais parentes, sem maiores noções acerca da história dos próprios antepassados. Há até mesmo primos diretos que nunca se conheceram. Restam lacunas, destarte, no que tange a esta etapa da vida de Emília iniciada após o casamento.

Porém, mesmo com algumas incertezas, sabe-se que Emília e Mem tiveram seis filhos, Rui, Renato, Eurico, Febo, Emílio e Rolando, cujos nomes estão dispostos em ordem de nascimento. Tal sequência foi inferida a partir da conjugação de testemunhos de familiares com a identificação feita a partir das fotografias disponibilizadas. Embora não se possa precisar a data de nascimento de todos os filhos, uma carta enviada por Emília, em 1918, ao irmão Eduardo, que, na fase final da Grande Guerra, estava em França como capitão-médico, dá a entender que o casal Verdial já possuía mais de um filho naquela altura. Emília, então com 33 anos, falou de seus filhos no plural: "Os meus

filhinhos estão todos bonzinhos, felizmente".²⁷ É possível que ali ela já fosse mãe de três filhos, uma vez que Febo, provavelmente o quarto filho, nasceu em Março de 1920.²⁸

Imagem 3. Emília, Mem e os filhos



Fonte: Coleção de fotografias do acervo particular da família.

Após essas primeiras considerações biográficas, o peso do republicanismo na trajetória de Emília resta evidente: da escolha da carreira à constituição da própria família. Talvez aquele tenha sido o grande marco ideológico que definiu os rumos que a sua vida viria a tomar. É por essa razão que a primeira das problemáticas desta investigação consiste justamente em perceber Emília Santos Silva Verdial como republicana, conforme se verá a seguir.

2. Emília como republicana

Inicialmente, convém reiterar que a devoção de Emília, desde a juventude, ao setor da educação, o que havia sido também uma preocupação de seu pai no âmbito da política local²⁹, dá indícios dos valores republicanos com os quais ela conviveu desde a infância. Porém, o percurso de Emília como educadora será oportunamente explorado mais adiante, ocasião em que serão demonstradas as influências que o republicanismo, porventura, possa ter exercido nesse campo.

²⁷ "Carta de Emília Dionísia Ferreira dos Santos Silva para o irmão, Eduardo Ferreira dos Santos Silva". Porto: Acervo particular (espólio de Eduardo Santos Silva). 03/08/1918.

²⁸ Susana Verdial, entrevistada por Susana Saboya. 17/05/2016.

²⁹ Pereira, *Eduardo Santos Silva*, 29.

No que diz respeito às suas posições políticas, é incontestável que Emília foi uma tenaz defensora da República, mesmo antes de esta ser implantada como regime político em Portugal. Ela viu o seu pai, um antigo republicano, enfrentar as dificuldades de tentar promover o movimento de ideias e suportar o Partido Republicano Português em uma altura em que a adesão à causa era baixa e fazer oposição à mult centenária Monarquia era tarefa para poucos e destemidos idealistas. Contudo, este grupo minoritário de republicanos cresceu, e, principalmente no início do século XX, conquistou um público mais amplo, que incluía a pequena e média burguesia urbana, os trabalhadores e as mulheres.³⁰

Dentre os valores republicanos que Emília absorveu, merece especial destaque o anticlericalismo. A sua posição ficou vincada em uma carta datada de 2 de novembro de 1909, a qual foi enviada por ela para o irmão Eduardo, que estava em França na altura.³¹ Era uma fase turbulenta para o cenário político português, uma época entre o regicídio e a ascensão da I República. Ao informar o irmão de que a Junta Liberal, um organismo de propaganda dos princípios republicanos³², iniciaria “uma grande campanha de combate à reação”, Emília aproveitou para fazer uma dura crítica a um indivíduo que, supostamente, era um colega de Eduardo do Liceu. Com bastante ironia, ela condena a incoerência do homem, um tal Dr. Manuel Coelho, que, segundo afirma, devia ser “um dos melhores paladinos da liberdade”, pois não faltava à missa aos domingos, permanecendo em pé, “de chapéu na mão” e com “a cabeça respeitosa curvada perante as imagens dos santos e santas”. Emília ataca também a possibilidade de ele ir à missa apenas para acompanhar a esposa, afirmando categoricamente que aquele não era momento para transigências, pois os campos estavam extremados: de um lado, os liberais; do outro, os reacionários. Naquele momento, para ela, quaisquer transigências eram atos de covardia. Emília encerra o assunto afirmando que “enquanto os homens não deixarem de ser uns fantoches nas mãos das mulheres e enquanto estas forem estúpidas, ou antes ignorantes e vaidosas, a reação há-de sempre campear orgulhosa e rir-se-á nas bochechas dos seus inimigos”.³³

O laicismo era um ponto importante da propaganda republicana. Por isso mesmo, o processo de secularização do país entrou em marcha tão logo o governo

³⁰ Maria Alice Samara, “O republicanismo”, Fernando Rosas e Maria Fernanda Rollo (coord.), *História da Primeira República Portuguesa* (Lisboa: Tinta-da-china, 2011), 61.

³¹ “Carta de Emília para Eduardo Santos Silva”. 02/11/1909.

³² João B. Serra, “O assalto ao poder”, Rosas e Rollo (coord.), *História da Primeira República Portuguesa*, 50.

³³ “Carta de Emília para Eduardo Santos Silva”. 02/11/1909.

provisório assumiu o poder, ganhando forma pelas mãos de Afonso Costa na sequência da vitória dos republicanos em 5 de outubro de 1910.³⁴ Nesse sentido, convém salientar que Emília era consciente do tremendo peso da Igreja no seio da sociedade portuguesa, sobretudo nas localidades mais afastadas dos grandes centros urbanos. Em maio de 1909, ela falou sobre isso em uma conferência proferida no Centro Democrático Dr. Pereira Osório, a qual será trabalhada em maiores detalhes adiante, contudo, naquela ocasião, Emília afirmou que, enquanto os intelectuais tinham um comportamento elitista, sem interesse em dialogar com o povo, pois "não estavam para maçadas", o padre não perdia tempo. Ela afirmou que, na igreja, na rua ou na praça, o padre estava sempre disposto a falar para o povo, embora não fosse, necessariamente, com a intenção de educá-lo, e sim para "conseguir tê-lo sempre pronto a servi-lo nos seus interesses". Segundo Emília, os padres acabavam por realizar os seus próprios desejos, pois o povo da aldeia estava, "em tudo, ao lado do seu pároco".³⁵

Ao que parece, Emília permaneceu coerente no seu anticlericalismo. Por não ter vínculos com a Igreja, não batizou os filhos. Renato foi o único a receber este sacramento, o que aconteceu quando ele, já com uma idade bastante avançada, vivia num lar para idosos. De acordo com a família, os filhos de Emília e Mem cresceram ateus, não manifestando, ao longo da vida, interesse por qualquer religião, exceto para fins de estudo e pesquisa.³⁶

Casada e com filhos, Emília manteve o interesse por assuntos relacionados à política, mesmo em momentos conturbados para a I República. É o caso da conjuntura que se formou com o golpe de Sidónio Pais em dezembro de 1917, o qual deitou abaixo o poder dos democráticos de Afonso Costa.³⁷ Numa das cartas já mencionadas, a que foi enviada para o irmão em França na altura da Primeira Guerra Mundial, ela discorreu sobre a complicada situação enfrentada por aqueles republicanos que não alinharam com o sidonismo. Emília chegou a dizer ao irmão que a situação em Portugal não era a de "uma paz podre". Era, na verdade, "uma podridão sem paz alguma". Ela relata, ainda, a dificuldade de promover a reação ao novo governo devido à espionagem. Chega a citar, inclusive, um grupo republicano revolucionário que, recentemente, havia sido

³⁴ João B. Serra, "A evolução política (1910-1917)", Rosas e Rollo (coord.), *História da Primeira República Portuguesa*, 97.

³⁵ *A Voz Pública*. Porto, 04/05/1909. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

³⁶ Susana Verdial. 17/05/2016.

³⁷ Maria Alice Samara, "Sidonismo e restauração da República. Uma 'encruzilhada de paixões contraditórias'", Rosas e Rollo (coord.), *História da Primeira República Portuguesa*, 371.

exposto, "o *comité* revolucionário do 6, constituído por sargentos, que foram presos e transferidos para a província".³⁸

Na correspondência em comento, Emília demonstrou temer pelas incertezas que a instabilidade daquele momento político trazia. Receava pelas conseqüências que poderiam atingir o marido e o pai, já que o Porto estava tomado por sidonistas e por monárquicos. Eram tempos muito arriscados para os antigos republicanos, agora sujeitos a prisões, censuras, espancamento e até assassinatos.³⁹ Diante disso, Emília chegou mesmo a afirmar na tal carta que preferia que eles estivessem na guerra com o irmão do que no Porto, embora parecesse não perder as esperanças ao dizer que "os republicanos não deixarão de cantar vitória".⁴⁰

Cerca de dois meses depois de aquela correspondência ter sido enviada, Dionísio, então proprietário do diário republicano *O Norte*, foi preso, apesar da sua idade já avançada.⁴¹ Situações como esta se tornariam mais comuns na vida de Emília do que ela, talvez, pudesse ter imaginado naquela altura.

Com o advento do Estado Novo, os nomes Santos Silva e Verdial passaram a ser extremamente visados. Mem, que era um acérrimo democrata, veio a enfrentar diversos problemas por não aceitar o regime desde o princípio, o que afetou gravemente a sua carreira. Em 1933, ele foi aposentado, coercitivamente, do seu cargo de engenheiro da Câmara Municipal do Porto devido a razões políticas.⁴² Emília também foi afastada da Escola Normal, onde era professora desde 1911, também pelas mesmas razões, tendo que recorrer ao setor privado para continuar a exercer a sua profissão. É possível que, na altura em que foi dispensada, Emília tivesse recém chegado à direção daquela instituição, embora não tenha sido possível confirmar tal informação.⁴³

Foi assim que Emília e Mem foram afastados dos seus empregos e banidos do funcionalismo público. Contudo, as suas convicções políticas afetaram mais do que apenas as respectivas carreiras. O envolvimento de alguns dos seus filhos na oposição ao regime salazarista, sobretudo o de Rolando Verdial, que estava ligado ao Partido Comunista, foi algo catastrófico para a família. A partir daí, com frequência, Emília viu marido e filhos serem sucessivamente demitidos, vigiados e presos, mesmo os que nada tinham a ver com qualquer quizila política.⁴⁴

³⁸ "Carta de Emília para Eduardo Santos Silva". 03/08/1918.

³⁹ Pereira, *Eduardo Santos Silva*, 41.

⁴⁰ "Carta de Emília para Eduardo Santos Silva". 03/08/1918.

⁴¹ Pereira, *Eduardo Santos Silva*, 41e 42.

⁴² Santos, *ISEP 150 anos*, 105.

⁴³ Maria Luísa Lemos. 23/05/2016.

⁴⁴ Susana Verdial. 17/10/2015.

Imagem 4. Emília e Mem com os filhos já crescidos e com a neta Olga



Fonte: Coleção de fotografias do acervo particular da família.

O sobrenome que a família carregava tornou-se um enorme fardo, sendo cada vez mais difícil conseguir alguém que lhes desse trabalho, por exemplo. Por causa disso, as dívidas e os problemas financeiros não tardaram a aparecer.⁴⁵ Diante do abalo económico enfrentado, Emília pediu apoio a familiares, sobretudo ao irmão, de quem, a julgar pelo teor das cartas trocadas, era muito próxima. Provavelmente, Eduardo sempre foi um esteio para Emília, ajudando-a em momentos de dificuldade, mesmo com alguma relutância por parte de sua esposa, Ernestina, segundo relataram alguns familiares.⁴⁶

Eduardo também apreciava muito a figura de Mem Verdial. Deixou clara a sua estima em uma carta enviada para a esposa, em 1930, quando esteve degredado no Funchal, na qual escreveu “abraça esse admirável Mem – a quem cada vez mais e mais estimo”.⁴⁷ Mas Mem, na verdade, tinha maior proximidade com um dos filhos de Eduardo, Osvaldo, que, por ser comunista, também foi bastante vigiado pela polícia política do Estado Novo, a PIDE.⁴⁸

Com o passar do tempo e a consolidação do novo regime, as coisas acabaram por piorar para Emília. Talvez o maior dos problemas que ela e Mem enfrentaram tenha sido a perda de filhos: para a morte, Emílio, que se suicidou por volta dos vinte e três ou

⁴⁵ Paula Verdial Correia e Susana Verdial, entrevistadas por Susana Saboya. 22/05/2016.

⁴⁶ Manuela Santos Silva. 22 maio 2016. Maria Luísa Lemos. 23/05/2016.

⁴⁷ Pereira, *Eduardo Santos Silva*, 154-157.

⁴⁸ Manuela Santos Silva. 22/05/2016.

vinte e quatro anos⁴⁹; para a insanidade mental, perderam Eurico⁵⁰; para os calabouços e as torturas da PIDE, Rolando; para a tentativa de construir uma vida em outro continente, longe dos problemas que a família enfrentava, perderam Febo e Rui.⁵¹ O único dos seis filhos que, aparentemente, permaneceu perto dos pais foi Renato.⁵²

Imagem 5. Febo e Rui Verdial em Lobito, Angola, em 1948.



Fonte: Coleção de fotografias do acervo particular da família.

É notório, portanto, que o republicanismo foi um caminho extremamente penoso para Emília, que sofreu pelo seu pai, pelo seu marido e também pelos seus filhos. Além disso, ela foi afetada pela falta de liberdade e até mesmo pelo boicote sofrido em sua vida profissional. Apesar das perdas e das dores, ser republicana tornou-a mais próxima da sua vocação e deu outro sentido à sua carreira como educadora. É esse papel por ela desempenhado que será objeto de análise a partir do próximo ponto.

3. Emília como educadora

Como já foi anteriormente referido, Emília recebeu a sua formação no magistério primário na Escola Normal do Porto. Provavelmente, após concluir o curso, ela possuiu, juntamente com as irmãs, o próprio estabelecimento de ensino. Embora tal facto tenha

⁴⁹ Susana Verdial. 17/05/2016.

⁵⁰ Francisco Martins Correia. 22/05/2016.

⁵¹ Susana Verdial. 17/10/2015.

⁵² Susana Verdial. 17/05/2016.

sido mencionado por um familiar da biografada⁵³, quase nada é sabido a esse respeito. O que há de mais concreto é uma alusão a um colégio em uma das correspondências enviadas ao irmão, que vivia em Paris. Nesta nova carta, desta vez datada de 3 de fevereiro de 1910, Emília fala que as irmãs haviam tomado posse em funções que não ficaram explicitadas na mensagem: "as manas já hoje foram tomar posse dos seus lugares; dentro de alguns dias lá vai a Etelvina embora; é mais uma separação". Em seguida, faz outra revelação ao irmão: "há dois pretendentes ao nosso colégio; se conseguíssemos passá-lo era um belo achado, não te parece?". Isso é tudo o que se sabe acerca do educandário que teria pertencido às irmãs Santos Silva.⁵⁴

Em 15 de fevereiro de 1911, Emília tomou posse como professora para o sexo feminino na Escola Normal do Porto. Nomeada por um despacho do dia 9 do mesmo mês, ela foi empossada pelo próprio irmão, Eduardo Santos Silva⁵⁵, que havia se tornado diretor daquela instituição havia pouco tempo, em 2 de dezembro de 1910.⁵⁶

Maiores detalhes a respeito da carreira de Emília na Escola Normal do Porto ainda estão por conhecer, o que talvez seja possível quando a organização do arquivo daquela entidade for concluída e a documentação estiver plenamente disponível à consulta. Porém, na já referida carta de 1918, que foi enviada para o irmão em França, quando este servia como capitão-médico na Grande Guerra, há algumas informações sobre a sua rotina naquela instituição. Em tal correspondência, que, aliás, foi redigida em papel com o timbre da Escola Normal do Porto, Emília expõe que entre as suas atividades estava a interrogação de possíveis candidatas aos quadros da escola. Logo de início, ela diz: "Escrevo-te muito à pressa, enquanto espero a minha vez de interrogar em pedagogia a sobrinha do Guedes de Oliveira, que hoje está a fazer exame aqui na Escola". Além disso, ressalta, ainda, que andava "fatigada com serviço de exames de manhã e de tarde", o que é um indicativo de que, ao menos naquela época, ela estava a trabalhar em dois turnos.⁵⁷

⁵³ Isabel Telles de Abreu. 14/10/2015.

⁵⁴ "Carta de Emília para Eduardo Santos Silva". 03/02/1910.

⁵⁵ "Termos de Posse nº 31". AENP. 15/02/1911.

⁵⁶ "Termos de Posse nº 30". AENP. 02/12/1910.

⁵⁷ "Carta de Emília para Eduardo Santos Silva". 03/08/1918.

Imagem 6. Emília, julho 1939



Fonte: Coleção de fotografias do acervo particular da família.

Conforme foi mencionado previamente, a trajetória de Emília na Escola Normal do Porto foi encerrada por motivos políticos. Por essa razão, a saída encontrada para continuar no exercício da profissão foi trabalhar para o setor privado. Assim sendo, a sua carreira no ensino terminou na Escola Primária da Fábrica de Têxteis de Pinto de Azevedo, na Areosa⁵⁸, onde trabalhou por muitos anos como diretora.⁵⁹

No que diz respeito à educação em Portugal, Emília tinha uma visão muito clara dos problemas e desafios existentes. Tanto é que, em 2 de maio de 1909, apresentou uma conferência acerca da instrução popular no Centro Democrático Dr. Pereira Osório, a qual foi noticiada na edição do periódico *A Voz Pública* de 4 de maio de 1909. Emília acabou por ser extremamente elogiada pela sua exposição, que foi considerada brilhante e, ao mesmo tempo, acessível.⁶⁰

Nesta conferência, ela apontou o alto índice de analfabetismo em Portugal como uma das maiores dificuldades a serem enfrentadas, falando, inclusive, do analfabetismo funcional. Segundo Emília, dos poucos portugueses que sabiam ler e escrever, uma grande parte não conseguia sequer interpretar o que estava escrito ou escrever com clareza e sem erros de ortografia. Nesse sentido, ela afirmou o seguinte:

É desolador o número de analfabetos existente no nosso país, porque as mais recentes estatísticas acusam uma percentagem de 80 a 85% de pessoas que não sabem ler. Isto é, em cada centena de portugueses, apenas 15 a 20 penetraram no mistério das letras, apenas 15 a 20 sabem ler! [...] Entre esses 15 a 20 contados como sabendo ler, ainda

⁵⁸ Esteves e Monteiro, "Emília Dionísia Ferreira dos Santos Silva Verdial", 268.

⁵⁹ Francisco Martins Correia. 22/05/2016.

⁶⁰ *A Voz Pública*. Porto, 04/05/1909.

uma grande parte mal sabe escrever o seu nome e soletrar as letras, sendo, portanto, também verdadeiros analfabetos.⁶¹

Os percentuais referentes ao índice de analfabetismo em Portugal que foram dados por Emília estão um pouco acima daqueles que, normalmente, a historiografia relativa àquele período apresenta. Em 1900, o Censo apontou a mencionada taxa como sendo de 74%, número que caiu, em 1911, para 69,6%.⁶² Apesar disso, não deixa de ser uma cifra bastante elevada e preocupante. Para Emília, a origem desse problema estava na baixa quantidade de crianças a frequentar a escola, sobretudo as das camadas populares. Segundo ela, poucas eram as crianças pobres mandadas à escola. Quando iam, não eram assíduas, além de trocarem sucessivamente de estabelecimentos de ensino.⁶³

Até a proclamação da República, o ensino primário em Portugal regia-se pela reforma de 1901, que havia sido promovida por Hintze Ribeiro, titular da pasta da Instrução e chefe do governo. Apesar de o ensino ser gratuito e obrigatório por três anos, ainda era grande o número de freguesias que permanecia sem uma escola primária. Desse modo, embora o número de instituições e de docentes tivesse crescido, isso não ocorreu no nível e na rapidez que se esperava. De acordo com o *Anuario Estatístico de Portugal*, entre 1901 e 1902, havia 4.665 escolas primárias oficiais no país. Já entre 1909 e 1910, tal número subiu para apenas 5.552.⁶⁴

Emília estava certa quanto ao baixo índice de crianças que costumavam ir à escola. No final da primeira década do século XX, apenas a metade dos meninos e meninas em idade escolar frequentava algum estabelecimento de ensino.⁶⁵ Por esse motivo, na citada conferência, ela falou da enorme e urgente necessidade de estimular o povo a matricular os seus filhos e fazer com que estes frequentassem as aulas com assiduidade. Disse, ainda, que "é certo que as escolas oficiais são relativamente poucas; mas, se todas as crianças concorressem às que há, obrigariam os governos, de boa ou de má vontade, a criar mais escolas e a desenvolver o ensino".⁶⁶

⁶¹ *A Voz Publica*. Porto, 04/05/1909.

⁶² A. H. de Oliveira Marques, "Portugal: da Monarquia para a República", Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques (dir.), *Nova História de Portugal* (Lisboa: Editorial Presença, 1991), Vol. XI, 519.

⁶³ *A Voz Publica*. Porto, 04/05/1909.

⁶⁴ Marques, "Portugal: da Monarquia para a República", 525 e 526.

⁶⁵ Marques, "Portugal: da Monarquia para a República", 526.

⁶⁶ *A Voz Publica*. Porto, 04/05/1909.

Outro problema do qual Emília falou foi acerca da adesão do povo a uma literatura de baixa qualidade. Em razão disso, ela acabou por fazer uma crítica implacável ao tipo de leitura popular na altura, conforme é possível observar a seguir:

Mas que romances, que livros lê o povo? Obras de interesse social? Não. Romances ignóbeis, que por aí se distribuem aos fascículos, com títulos pomposos e pessimamente escritos [...]. Livros, enfim, que só servem para lhes embotarem a inteligência e lhes perverterem o sentimento, em vez de lhes esclarecerem o espírito.⁶⁷

Ela mostrou, ainda, a ligação entre a deficiência da instrução pública e as dificuldades que o país encontrava para iniciar uma caminhada ascendente rumo ao desenvolvimento. Nas palavras dela, "é devido à má educação, ou antes à falta de educação, que toda a sociedade portuguesa se encontra numa miserável decadência".⁶⁸ Para resolver esses inúmeros problemas, ela aponta várias saídas. Uma delas passava por "abrir em todas as escolas oficiais cursos noturnos", para que os populares, que geralmente trabalhavam durante o dia, pudessem também aprender. Cita, ainda, palestras instrutivas e lições práticas, as quais deveriam ser tornadas pelo professor mais agradáveis aos alunos.⁶⁹

No conteúdo programático, poderiam, de acordo com Emília, estar incluídas noções de higiene, de história, de geografia e de educação cívica. Lições de escrita poderiam ser dadas com o auxílio de assuntos da atualidade, sobre os quais os alunos deveriam fazer a redação de um texto de opinião, pois assim treinariam a escrita enquanto também se informariam. Para aprenderem a "ler com expressão", Emília recomendou sessões semanais de leitura em grupo, as quais deveriam ser comandadas pelo professor.⁷⁰

Foram numerosas as sugestões dadas por ela, que parecia não só entender da situação da educação em Portugal, mas também conhecer algumas das práticas que estavam a dar bons resultados em outras partes do mundo, ou seja, em países como Inglaterra, Bélgica, Alemanha, França, Suíça e Estados Unidos. Assim, Emília aponta também outras medidas que julgava interessantes, como a promoção de visitas de estudo orientadas, a ampliação das chamadas Bibliotecas Populares, a criação de colónias de férias e de Universidades Populares, "tanto nas grandes cidades como nos pequenos burgos", para a instrução de nível superior das camadas populares.⁷¹

⁶⁷ *A Voz Pública*. Porto, 04/05/1909.

⁶⁸ *A Voz Pública*. Porto, 04/05/1909.

⁶⁹ *A Voz Pública*. Porto, 04/05/1909.

⁷⁰ *A Voz Pública*. Porto, 04/05/1909.

⁷¹ *A Voz Pública*. Porto, 04/05/1909.

Outro ponto interessante que ela aborda em tal conferência, é a importância da adoção da educação física com jogos, e não apenas com a ginástica sueca, que, de acordo com o que afirmou, não era ensinada regularmente às crianças, mas apenas para a apresentação na "Festa das Crianças". A propósito disso, Emília disse que tudo era "ensinado às crianças em meia dúzia de ensaios, feitos uns dias antes da sua festa". Para complementar, disse que "não passa tudo numa doirada poeira com que se pretende dar ao público a ilusão de que possuímos um ensino moderno, adiantado, mas que afinal não engana ninguém".⁷²

Muitas outras questões foram também levantadas por Emília naquele dia, mostrando o grande domínio e a compreensão que ela tinha no que concernia à educação popular. O periódico que publicou o teor daquela conferência concluiu a notícia a dizer o seguinte:

Uma prolongada ovação cobre as derradeiras palavras da brilhante e educadora exposição, tão serena e lucidamente desenvolvida. O ilustre patrono do Centro assinala esse trabalho como a plena confirmação dos justos louvores com que apresentara a Snr.^a D. Emília Santos Silva.

Esta matéria de *A Voz Pública* é, provavelmente, o único testemunho disponível que evidencia em detalhes a paixão de Emília pelo tema do ensino, bem como que expõe o seu elevado nível de conhecimento, tanto em matéria pedagógica quanto no que diz respeito à realidade portuguesa no tocante à educação.

É possível que, após a implantação da República, com a subsequente valorização da escola primária, toda a *expertise* dela tenha sido útil e apreciada, principalmente no âmbito da Escola Normal do Porto, onde trabalhava.⁷³ Porém, uma época difícil para os professores primários republicanos começaria a partir do golpe militar e da posterior ascensão do Estado Novo. Junto com essa nova era da educação nacionalista e doutrinadora do novo regime, viria para Emília uma marginalização que nem todo o seu saber foi capaz de evitar.

Porém, além de ser uma mulher republicana e uma educadora comprometida com a causa da instrução popular de qualidade, Emília também teve grande interesse pela luta por igualdade de género, tema que será aprofundado a seguir.

⁷² *A Voz Pública*. Porto, 04/05/1909.

⁷³ Maria Cândida Proença, *Catálogo da Exposição "EDUCAR. EDUCAÇÃO PARA TODOS. ENSINO NA PRIMEIRA REPÚBLICA"* (Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República – CNCCR, 2011), 65.

4. Emília como feminista

A primeira grande evidência do lado feminista de Emília está numa carta já aqui referenciada, a qual foi enviada para o irmão, que estava em Paris. Com data de 3 de fevereiro de 1910, esta manifestação de feminismo não foi nada tímida. Ela marcou, de forma direta e eloquente, a sua posição a favor da igualdade de direitos entre homens e mulheres, assim como defendeu uma luta aberta, sem timidez ou medo de afrontar convenções sociais e padrões morais da época.⁷⁴

Meses antes, em outra correspondência enviada para o irmão, Emília já havia revelado alguma inclinação para questões feministas ao falar da felicidade e do entusiasmo que sentia em ver uma mulher, a qual se chamava Olívia de Figueiredo, obter "parecer favorável para entrar como interina para o Liceu" do Porto. Embora alegasse não conhecer a tal senhora que tencionava ser professora efetiva de Letras na referida instituição, Emília não escondeu o sentimento que, graciosamente, chamou de "inveja cheia de cordialidade" relativamente a uma mulher que, no final de 1909, estava prestes a realizar o feito de entrar para o professorado secundário.⁷⁵

Porém, foi na citada carta de 1910 que ela expôs as suas opiniões de maneira mais clara e contundente. Logo no primeiro parágrafo da dita correspondência, Emília convida Eduardo a "debicar", ou seja, a discutir um pouco sobre feminismo, tema que afirmou ser-lhe apaixonante. Já de início, fica claro que ambos não partilhavam da mesma visão quanto à questão da igualdade entre homens e mulheres. Aparentemente, o irmão acreditava numa diferença entre ambos os sexos que justificasse a existência de direitos diferentes para cada um, conforme é possível observar a seguir:

Achas tu, e já é alguma coisa, que a mulher deve pugnar pelos seus direitos e não pelos mesmos direitos do homem, porquanto ela não é igual a ele. [...] Eu podia, talvez, concordar contigo, meu Eduardo, se conhecesse a mulher direitos diferentes dos do homem, mas, por mais que rebusque, não os encontro.⁷⁶

Essa suposta opinião de Eduardo parece ter sido uma visão comum a diversos políticos e pensadores daquela época, mesmo entre os republicanos. O próprio Afonso Costa, que já foi aqui mencionado mais de uma vez, é um exemplo incontestável disso. A sua posição sobre o tema, inclusive, teve grande peso na negação do sufrágio às mulheres, o que não conseguiu ser revertido nem com toda a argumentação da Liga

⁷⁴ "Carta de Emília para Eduardo Santos Silva". 03/02/1910.

⁷⁵ "Carta de Emília para Eduardo Santos Silva". 02/11/1909.

⁷⁶ "Carta de Emília para Eduardo Santos Silva". 03/02/1910.

Republicana das Mulheres Portuguesas.⁷⁷ Em um discurso proferido na Assembleia Nacional, em 12 de junho de 1913, Afonso Costa disse:

Nós, que abolimos a escravatura, que tornámos o homem igual, que encontramos na mulher a companheira do homem, recuamos perante a disposição que dá à mulher a mesma capacidade política que tem o homem. [...] A República Portuguesa marca, duma maneira frisante e honrosa, essa alteração progressiva dos direitos da mulher e da família, mas essa alteração não se faz apenas em obediência a um projeto igualitário. É isso que não vêem os teóricos do sufrágio universal.⁷⁸

As mulheres, naquela época, eram tidas como mais conservadoras e religiosas do que os homens, o que é compreensível até pelo próprio espaço de vida pública que lhes era legado, o qual, basicamente, resumia-se à igreja e aos assuntos pertinentes à vida cristã. É possível que a posição acima transcrita fosse defendida por muitos republicanos por receio de que, ao adquirir capacidade política, as mulheres atrapalhassem as suas ambições eleitorais, vindo a apoiar pautas reacionárias e contrárias às intenções mais reformistas. Contudo, Emília acreditava que para superar essas e outras fragilidades, a exclusão não era a melhor opção. A mulher precisava, na verdade, era de ser emancipada e de assumir um papel mais ativo e produtivo na sociedade, não estando mais presa à esfera privada e familiar.⁷⁹

Desse modo, Emília apontou como as assimetrias referentes aos comportamentos permitidos a cada um dos géneros acabavam por colocar as mulheres numa situação de humilhante inferioridade. Entre as injustiças denunciadas, ela salientou o facto de a mulher, naquela altura, ter de calar-se, enquanto o homem falava, ou ter de rezar, ao passo que ele se dizia ateu. Falou, também, sobre a diferença de remuneração entre homens e mulheres, que é um tema bastante atual e ainda presente na agenda feminista⁸⁰.

Emília lembra ao irmão que “a humanidade tanto se compõe de homens como de mulheres e não pode haver duas liberdades diferentes e antagónicas, uma para cada sexo”. A partir daí, demonstra, de maneira muito clara, que o seu feminismo não se restringe à conquista de um único ponto, como a questão sufragista, por exemplo. Ela defende a associação das mulheres “a todos os ramos da atividade humana”, pois elas

⁷⁷ Ana Vicente, “O pensamento feminista na primeira metade do século XX e os obstáculos à sua afirmação”, Lígia Amâncio, Manuela Tavares, Teresa Joaquim e Teresa Sousa de Almeida (coord.), *O Longo caminho das Mulheres: Feminismos – 80 anos depois* (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007), 63-66.

⁷⁸ Vicente, “*O pensamento feminista*”, 63-66.

⁷⁹ “Carta de Emília para Eduardo Santos Silva”. 03/02/1910.

⁸⁰ “Carta de Emília para Eduardo Santos Silva”. 03/02/1910.

seriam plenamente capazes para o exercício de cada uma delas, como é possível observar na sua argumentação:

Queria ver a mulher legislando — e por que não? — porque ela saberia muito melhor do que o homem regularizar a situação das suas iguais e das crianças, para o que lhe bastava deixar falar o coração; eu queria ver a mulher — e por que não? — na magistratura, pois ela melhor que o homem saberia defender os fracos e os humildes e reconhecer os inocentes; eu queria ver a mulher francamente na medicina — e por que não? — porque melhor e mais propriamente do que o homem, ela poderia aplicar-se ao estudo e cura das doenças femininas; eu queria ver a mulher — e por que não? — no jornalismo, porque ela saberia, tão bem como o homem, defender os belos e generosos ideais da libertação humana; queria ver a mulher — e por que não? — no ensino secundário e superior, para que ela lá prestasse tão bons serviços como os que presta na instrução primária.

Por fim, após admitir querer ver a mulher em tudo ao lado do homem, empregando, tal como ele, a sua inteligência em benefício da sociedade, Emília explica ao irmão que esse processo de emancipação não levaria, necessariamente, a mulher a se masculinizar: “nem por isso lhe nasceria barba, nem por isso se masculinizaria, como tantos querem fazer crer, porque em qualquer ramo a que se dedicasse a mulher podia ser sempre mulher”. Mesmo que elas perdessem o que Emília chama de “ridículas fraquezas”, as mulheres teriam a vantagem de poder enxergar melhor os seus deveres sociais, o que, segundo ela, seria uma compensação. Ao concluir o discurso sobre feminismo, ela faz os seguintes questionamentos retóricos a Eduardo:

Quem sabe lá, em tantíssimas gerações em que a mulher tem sido posta de parte como uma coisa inútil, quem sabe lá, digo, quantos talentos verdadeiros de mulher se não terão perdido, aniquilado? E não será, portanto, isto um erro e uma injustiça?

Após a exposição de algumas das ideias feministas de Emília, resta oportuno esclarecer que o feminismo não é um fenómeno simples e uniforme. No começo do século XX, seguindo uma tendência mundial, o feminismo português subdividiu-se em várias vertentes, as quais também tinham, internamente, diferentes matizes. Algumas mulheres definiam-se como feministas pacifistas, ao passo que outras preferiam o feminismo republicano, de carácter mais nacionalista. Desse modo não parece exagero falar em feminismos, em vez de simplesmente feminismo.⁸¹

Anos depois de escrever aquela carta, Emília se engajou em um grupo feminista republicano voltado à assistência social, o Núcleo Feminino de Assistência Infantil da

⁸¹ João Esteves, “Feminismo, Feminismos e Sufragismo na 1ª República”, Zília Osório de Castro, João Esteves e Natividade Monteiro (coord.), *As Mulheres na I República* (Lisboa: Colibri, 2011), 19-20.

Junta Patriótica do Norte, fundado em razão da entrada de Portugal na Grande Guerra. Este grupo, que foi criado no intuito de apoiar tanto os soldados mobilizados quanto os eventuais órfãos de guerra, manteve relações muito próximas com a Cruzada das Mulheres Portuguesas, representada, sobretudo, pela feminista Ana de Castro Osório.⁸²

Emília manteve-se em contato com o feminismo até a avançada idade. Participou da Associação Feminina Portuguesa para a Paz – AFPP⁸³, um grupo criado na altura da Guerra Civil Espanhola com fins de apoiar os republicanos do país vizinho de forma discreta e clandestina. Com muitas associadas no Porto e em Lisboa, mulheres que, em geral, tinham uma orientação política mais à esquerda, a AFPP acabou por apoiar, durante a Segunda Guerra Mundial, os internados antinazis que estavam nos campos franceses e espanhóis, para os quais enviavam alimentos e agasalhos. Com o fim da guerra, o grupo ocupou-se de promover cursos de alfabetização, de idiomas e de primeiros socorros, entre outras atividades.⁸⁴

Apesar de já não ser tão jovem e de todos os problemas pessoais pelos quais passava, Emília era considerada uma integrante muito participativa e sempre pronta a ajudar quando solicitada. Por escrever muito bem, recebia do grupo a incumbência de redigir diversos textos e crónicas, bem como de elaborar breves biografias de algumas mulheres ilustres.⁸⁵ Todavia, os seus desígnios sofreriam, novamente, a intervenção do Estado Novo. A Associação Feminina Portuguesa para a Paz, que já vinha passando por uma severa vigilância, foi encerrada pela PIDE na sequência das celebrações do Dia da Mulher, em Março de 1952. Sob a acusação de ter um “caráter dissimuladamente político de características comunizantes”, a associação cessou as suas atividades, enquanto Emília viu, mais uma vez, a sua liberdade ser tolhida pelo regime salazarista.

5. Considerações biográficas finais

Apesar de todas as dificuldades que enfrentou, Emília teve um grande companheiro na vida. Ela e Mem encontraram um no outro algum consolo para os momentos delicados pelos quais passaram. Uma propriedade que tinham em Bigorne, povoação pertencente ao concelho de Lamego, era o refúgio deles em meio a tantas

⁸² Natividade Monteiro, “‘Pela Pátria e pela República’. As mulheres republicanas na I Guerra Mundial”, Castro, Esteves e Monteiro (coord.), *As Mulheres na I República*, 210-213.

⁸³ Manuela Santos Silva. 22/05/2016. Maria Luísa Lemos. 23/05/2016.

⁸⁴ Irene Flunser Pimentel, “O Estado Novo, as mulheres e o feminismo”, Amâncio, Tavares, Joaquim e Almeida (coord.), *O Longo caminho das Mulheres*, 105-106.

⁸⁵ Maria Luísa Lemos. 23/05/2016.

turbulências. Na infância dos filhos, aquele era o destino de longos meses de férias. Na velhice, era o lugar onde buscavam tranquilidade, onde podiam ser verdadeiramente livres.⁸⁶

Em meio à natureza e aos livros proibidos que a casa de Bigorne guardava⁸⁷, Emília e o marido aproveitavam aquela liberdade para escrever. Há relatos de que eles trocaram diversas cartas entre si, as quais falavam tanto de assuntos íntimos quanto dos pontos de vista de cada um para variadas questões. O conteúdo dessas correspondências, que, seguramente, seria capaz de revelar muito mais sobre Emília do que boa parte do material empregado na presente investigação, desapareceu junto com ela. Segundo relatos, ela e Mem tinham um pacto de que quem falecesse primeiro levaria aquelas cartas para o túmulo, o que acabou por ser cumprido.⁸⁸

Conforme restou demonstrado, Emília passou pelos maiores sofrimentos que uma mãe pode experimentar: viu um filho falecer, o outro enlouquecer, outros dois partirem em caráter definitivo para muito longe, assim como viu o filho mais novo ser perseguido, preso e torturado. De todos esses infortúnios, é possível que o episódio menos infeliz tenha sido a partida de Febo e Rui para Angola. Os dois, que se foram por não suportarem mais viver perseguidos apenas por levarem o apelido Verdial, mantiveram pouco contato com os pais depois de terem ido embora. Acabaram por formar as suas próprias famílias e investir na carreira como engenheiros civis bem longe do Porto. Raríssimas foram as vezes que voltaram à cidade natal – Febo o fez uma única vez – antes do regresso permanente como *retornados de África*, em 1975.⁸⁹

No entanto, foi a desgraça de Rolando que teve um papel central na morte de Emília. Pivô de uma complicada trama envolvendo perseguição política, prisão, fugas mirabolantes, tortura e traição ao Partido Comunista⁹⁰, ele estava encarcerado no Forte de Caxias, para onde Emília e Mem se dirigiram na intenção de visitá-lo. O casal chegou a Lisboa no dia 6 de outubro de 1960, porém, por um atraso de poucos minutos, foi proibido de visitar o filho naquele dia.⁹¹ Emília, já com setenta e cinco anos de idade, encontrava-se com a saúde debilitada⁹², o que não foi levado em consideração pelos carcereiros. O encontro com Rolando, entretanto, que só se deu no dia seguinte, aconteceu à distância, não tendo sido permitido a Emília e a Mem se aproximarem do

⁸⁶ Susana Verdial. 17/05/2016.

⁸⁷ Paula Verdial Correia e Susana Verdial. 22/05/2016.

⁸⁸ Manuela Santos Silva. 22/05/2016.

⁸⁹ Susana Verdial. 17/10/2015.

⁹⁰ Susana Verdial. 17/10/2015. Paula Verdial Correia. 22/05/2016.

⁹¹ *Avante!*. Porto, novembro 1960 (série VI, nº 295). p. 5, col. 1.

⁹² Francisco Martins Correia. 22/05/2016.

filho. Toda aquela situação levou, no dia 7 de outubro de 1960, ao falecimento de Emília, que sofreu um forte e irresistível abalo emocional naquela prisão da PIDE.⁹³

Image 6. Emília em Bigorne, 28 setembro 1956



Fonte: Coleção de fotografias do acervo particular da família.

Em setembro de 1962, quase dois anos depois da morte de sua amada, Mem Verdial escreveu, a partir do refúgio deles em Bigorne, os seguintes versos, com os quais se dá por encerrada esta narrativa sobre a vida de Emília:

Alma Pura

Não és tu, pombinha branca
sua alma que tanto amei.
Era alma da tua alvura,
sempre terna, muito pura,
que outra não vi, nem verei.⁹⁴

Conclusões

Diante de tudo o que foi exposto, a primeira conclusão à qual se pode chegar é a de que o republicanismo forjou o caráter de Emília, influenciando intensamente o destino dela. Da profissão escolhida ao homem com quem ela foi casada até o fim dos seus dias, o facto de ser republicana interferiu na sua vida. Além disso, Emília se destacou de grande parte das mulheres do seu tempo pelo vasto interesse que tinha

⁹³ *Avante!*. Porto, novembro 1960 (série VI, nº 295). p. 5, col. 1.

⁹⁴ "Caderno de poesias de Mem Verdial". Bigorne: Acervo particular, 23/09/1962, 93.

por questões políticas, o que não seria muito comum para a época. Ela também não abriu mão de exercer a sua profissão, assumindo o papel de educadora por longos anos. A mesma coisa pode ser dita em relação aos seus ideais, dos quais não abdicou. Um exemplo disso é o facto de, mesmo com a idade avançada, ela ter continuado a colaborar da forma como pôde com atividades de cariz feminista.

No entanto, os homens da família sempre levaram a fama no que diz respeito ao ativismo político. As razões para esse protagonismo masculino podem ser várias. É possível que a própria Emília tenha procurado se preservar mais para evitar sofrer também ela as consequências mais graves que estes homens sofriam, já que sempre desempenhou o papel de centro de apoio moral e emocional dentro do seu núcleo familiar⁹⁵. Entretanto, há também a hipótese de ela ter sido mais um exemplo de mulher que, apesar do mérito próprio, foi praticamente ignorada pela história, resumindo a sua importância ao facto de ser esposa ou mãe de alguma figura masculina conhecida.

Outro ponto que merece ser destacado na conclusão deste trabalho é referente aos obstáculos encontrados no processo de recolha da informação. Para isso, concorreram vários motivos, dentre os quais é possível citar, primeiramente, as dificuldades típicas de se trabalhar com fontes orais. O problema é que estas fontes surgem para o historiador a partir do exercício de recordar que alguém se propõe a fazer, um processo muito pessoal de resgate da memória. Em que pese o seu aspeto social, no sentido de a memória se formar em função da relação de uma pessoa com outros indivíduos, ela pode, por vezes, ser apresentada de forma distorcida ou seletiva, o que é capaz de acontecer de maneira intencional ou não, pois decorre justamente da tal personalidade inerente ao ato de recordar.⁹⁶

Esses são apenas alguns dos problemas oriundos do trabalho com fontes orais. Quando se trata da memória relativa às mulheres, a situação é ainda mais complicada. Neste caso, a recordação passa, quase sempre, a ser condicionada ao papel doméstico e familiar que pessoa lembrada desempenhou. Por vezes, a memória recai também sobre certos traços da sua personalidade (por exemplo: doçura, calma, nervosismo, meiguice, etc.), em detrimento de outros aspetos, como a sua atividade intelectual ou profissional. Isso acontece, porque, ao contrário dos homens, a história de vida das mulheres costuma implicar "um espaço menor ou diferente à história 'pública'".⁹⁷

⁹⁵ Susana Verdial. 17/10/2015. Francisco Martins Correia. 22/05/2016.

⁹⁶ James Fentress e Chris Wickham, *Memória Social* (Lisboa: Editorial Teorema, 1992), 7-10.

⁹⁷ Fentress e Wickham, *Memória Social*, 172.

Além dos obstáculos acima aludidos, há uma verdadeira carência documental no que atine à história de Emília, o que foi provocado, principalmente, pela desagregação da família, como já foi explicado. As supostas cartas enterradas junto com ela, as quais foram trocadas com Mem ao longo da vida, também levaram consigo informações que, certamente, teriam sido muito úteis a esta investigação.

É imprescindível destacar, ainda, que, apesar de ter sido profundamente marcada e limitada pela sociedade e pelo cenário político em que viveu, Emília Santos Silva Verdial conseguiu ser uma mulher à frente do seu tempo. Por diversas vezes, mostrou ser inteligente e perspicaz, estando sempre atenta às questões do mundo ao seu redor. Preocupou-se com a melhoria das condições de vida da sociedade, tendo especial atenção para com as camadas mais populares. Emília fez da sua vocação uma ferramenta de mudança, razão pela qual foi muito dedicada à causa da educação. Apesar de todo o sofrimento que experimentou, conservou em si uma ternura que permaneceu viva na memória de quem a conheceu ou, pelo menos, já ouviu relatos a seu respeito.

Todavia, diante tudo o que lhe aconteceu, por toda a sorte de desventuras pelas quais passou, por ter tido a sua vida dilacerada de tantas formas, é inegável que Emília foi vítima do Estado Novo. Uma vítima que pagou com a própria vida, não resistindo à crueldade do regime e à frieza da PIDE. Por fim, ela foi vítima, sobretudo, de não poder aproveitar o seu potencial e de não ter a liberdade de construir um futuro, quiçá, mais alegre para si e para a sua família.

Fontes

Fontes orais

- Francisco Martins Correia, entrevistado por Suzana Saboya. 22 maio 2016.
- Isabel Telles de Abreu, entrevistada por Suzana Saboya. 14 outubro 2015.
- Maria Luísa Lemos, entrevistada por Suzana Saboya. 23 maio 2016.
- Manuela Santos Silva, entrevistada por Suzana Saboya. 22 maio 2016.
- Paula Verdial Correia, entrevistada por Suzana Saboya. 22 maio 2016.
- Sérgio Godinho, entrevistado por Suzana Saboya. 22 maio 2016.
- Susana Verdial, entrevistada por Suzana Saboya. 17 outubro 2015, 17 maio 2016 e 22 maio 2016.

Fontes arquivísticas

- Cartas de Emília Dionísia Ferreira dos Santos Silva para o irmão, Eduardo Ferreira dos Santos Silva*. Porto: Acervo particular (espólio de Eduardo Santos Silva), 1909–1918.
- Caderno de poesias de Mem Verdial*. Bigorne: Acervo particular, 23/09/1962, 93.
- Mappa das Concorrentes ao Exame d'Admissão para a Escola Normal do Porto*. Porto: Arquivo da Escola Normal do Porto, 1897–1902.
- Termos de Posse Conferida aos Funcionários da Escola Normal do Porto*. Porto: Arquivo da Escola Normal do Porto, 1882–1919.

Fontes hemerográficas

- Avante!*. Porto, 11/1960, série VI, n.º 295.
- A Voz Pública*. Porto, 4/5/1909. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.
- ABC – Diário de Angola*. Luanda, 1/5/1964. Porto: Acervo particular.

Fontes iconográficas

- Coleção de fotografias de Emília Santos Silva Verdial e família*. Acervo particular de Susana Verdial.

Bibliografia

- Amâncio, Lígia; Tavares, Manuela; Joaquim, Teresa e Almeida, Teresa Sousa de (coord.). *O Longo caminho das Mulheres: Feminismos – 80 anos depois*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007.
- Castro, Zília Osório de; João Esteves e Natividade Monteiro (coord.). *As Mulheres na 1ª República: percursos, conquistas e derrotas*. Lisboa: Edições Colibri, 2011.
- Esteves, João e Monteiro, Natividade. "Emília Dionísia Ferreira dos Santos Silva Verdial", Zília Osório de Castro e João Esteves (dir.) *Feminae. Dicionário Contemporâneo*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2013. 268–269.
- Fentress, James e Wickham, Chris. *Memória Social*. Lisboa: Editorial Teorema, 1992.
- Ferreira, Eduarda Ventura. *Percursos Feministas: Desafiar os tempos*. Lisboa: Leya, 2015.
- Gouges, Olympe de; Robinson, Mary; Stanton, Elizabeth C.; Gage, Matilda J. e Schreiner, Olive. *Direitos da Mulher Cidadã*. Lisboa: Ela por Ela, 2002.
- Le Goff, Jacques. *History and Memory*. New York: Columbia University Press, 1996.
- López de la Vieja, María Teresa. *Feminismo: del pasado al presente*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2000.
- Marques, A. H. de Oliveira. "Portugal: da Monarquia para a República", Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques (dir.), *Nova História de Portugal*, Vol. XI. Lisboa: Editorial Presença, 1991.
- Pereira, Gaspar Martins (org.). *Eduardo Santos Silva: Cidadão do Porto*. Porto: Campo das Letras, 2002.
- Perrot, Michelle e Duby, Georges (dir.). *História das Mulheres no Ocidente*, Volumes 4 e 5. Porto: Edições Afrontamento, 1994.
- Pimentel, Irene Flunser. *A História da PIDE*. Lisboa: Círculo de Leitores, Temas e Debates, 2011.
- Proença, Maria Cândida (coord.). *Catálogo da Exposição "EDUCAR. EDUCAÇÃO PARA TODOS. ENSINO NA PRIMEIRA REPÚBLICA"*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República – CNCCR, 2011.
- Quivy, Raymond e Luc Van Campenhoudt. *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva, 2003.
- Rosas, Fernando e Rollo, Maria Fernanda (coord.). *História da Primeira República Portuguesa*. Lisboa: Tinta-da-china, 2011.

Santos, Vitor Correia (coord.). *ISEP 150 anos: memória e identidade*. Porto: Edições Gémeo – Instituto Superior de Engenharia do Porto, 2005.

Veyne, Paul. *Como se escreve a história*. Lisboa: Edições 70, 1971.